PRÊMIO MULHER NEGRA 2021

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

GDF
É tempo de ação.

PRÊMIO MULHER NEGRA 2021

SUMÁRIO

PALAVRA DO SECRETÁRIO 7

PALAVRA DA SUBSECRETÁRIA 9

PALAVRA DA COMISSÃO 11

A PREMIAÇÃO DA MULHER NEGRA 2021 13

RAP DA MULHER NEGRA 15

AS CANDIDATAS 16 A 75

FICHA TÉCNICA 77

PRÊMIO MULHER NEGRA 2021

COM A PALAVRA, O SECRETÁRIO

O Prêmio Mulher Negra reflete uma política pública afirmativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF para grupos de agentes culturais historicamente segregados, partindo do reconhecimento de que ao longo de muitos anos as atenções da política de fomento público estiveram aquém da importância da força e da qualidade do trabalho cultural dessas artistas.

É uma equação perversa cujo resultado se espelha em concentração de benefícios para agentes do gênero masculino e de territórios centrais de maior acesso e oportunidades. Nosso papel, como Estado, é caminhar para equidade de gênero e de raça.

A mulher negra simboliza no Brasil a luta pela manutenção das famílias, pelo pão à mesa e pela valorização de seu trabalho intenso. A mulher negra artista condensa tudo isso em ações culturais transformadoras em seu entorno.

É emocionante ler cada uma dessas trajetórias aqui relatadas. De mulheres que iniciaram a labuta como diaristas e se tornaram agentes de difusão do livro e da literatura. De mulheres que batalharam para seguir e se manter como artistas. De mulheres que dividem seu talento com a comunidade.

Que esse Prêmio Mulher Negra seja a primeira de muitas ações gestadas e que chegue o tempo em que a presença da artista negra se faça tão forte na política pública como é na vida real.

Bartolomeu Rodrigues
Secretário de Cultura e Economia Criativa

PRÊMIO MULHER NEGRA 2021

COM A PALAVRA, A SUBSECRETÁRIA

O Prêmio Mulher Negra nasceu da urgência da Secretaria de Cultural e Economia Criativa em desenvolver uma política afirmativa para uma agente cultural que é central em qualquer comunidade em que atue. Não só como uma multiplicadora de saberes e fazeres culturais, mas como uma figura mantenedora.

É sabido, por pesquisas e estudos etnográficas, que a mulher negra está em situação vulnerável na sociedade brasileira, por questões relacionadas ao racismo e sexismo, o que as leva a uma situação de marginalização singular.

Movimentá-las, reconhecê-las e reverenciá-las são ações de uma política cultural atenta, propositiva e que enseja transformações mais profundas na relação dessas agentes culturais com o Estado.

Coube à Subsecretaria de Difusão e Diversidade Cultural (SDDC) desenhar essa premiação com o desejo de alcançar um resultado amplo e democrático, premiando uma faixa significativa de mulheres negras que nunca tinham recebido fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Esse mosaico também promoveu a descentralização territorial ao contemplar a maioria das candidatas de Regiões Administrativas fora do eixo central do DF. Há também uma representatividade de linguagens artísticas e culturais.

Como gestora da SDDC, agradeço ainda a oportunidade de representar esses anseios da comunidade negra do DF. Por ser mulher negra e periférica, sei dos desafios de se manter firme em trajetórias que quebram estereótipos e lançam essas mulheres fantásticas para onde elas quiserem e merecem ir.

Sol Montes
Subsecretária de Difusão e Diversidade Cultural

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

COM A PALAVRA, A COMISSÃO DE SELEÇÃO

A Comissão de seleção compreende que a arte e as diversas expressões culturais são formas criativas de enfrentamento e resistência às diversas violações de direitos causadas pelo racismo. Se, historicamente no Brasil, a população negra foi colocada à margem da sociedade, é preciso destacar que as mulheres negras estão duplamente sendo marcadas pelas violências desse sistema opressor, uma vez que precisam também superar as desigualdades de gênero.

Neste sentido, analisar os portfólios de 247 mulheres negras do Distrito Federal evidenciou que, na contramão do sofrimento, existem trajetórias valiosas de mulheres negras que contribuem e fortalecem suas comunidades a partir de várias linguagens artísticas.

Sem dúvidas, o processo de análise foi um grande aprendizado. Cada portfólio, a partir das suas especificidades, apresentaram-nos diferentes formas de contribuir para um mundo mais justo e igualitário.

Entendemos que esta premiação é uma estratégia de tirar a invisibilidade e silenciamento das narrativas femininas e negras, potencializando, sobretudo, aquelas que pela primeira vez puderam ser selecionadas e contempladas por um edital que reconhece seus talentos e esforços em prol da luta contra o racismo e democratização das artes.

Por fim, tendo em vista que estamos vivendo um contexto político e social pandêmico e desafiador, potencializar mulheres negras que, consequentemente, fortalecem outras famílias e comunidades, converge com as palavras de Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

Elizabeth Fernandes – Coordenadora
Helena Nisa da Rosa
Jaqueline Fernandes de Souza Silva
Sâmea Larisse Andrade
Comissão de Seleção

A PREMIAÇÃO

PRÊMIO MULHER NEGRA 2021

PREMIAÇÃO PARA ARTISTAS NEGRAS QUE FAZEM A DIFERENÇA

Trinta mulheres talentosas. Jovens que jogam luz sobre questões atuais e inovam linguagens. Maduras que se reinventaram ou que fazem questão de não inventar nada, desejando apenas valorizar as tradições de seus antepassados. Todas são conscientes da importância de sua cor, cada uma a seu modo. E por isso merecem o Prêmio Mulher Negra.

A seleção da Secretaria de Cultura e Economia Criativa levou em conta a carreira da artista negra, as ações afirmativas e a prestação de relevante contribuição ao desenvolvimento artístico ou cultural do Distrito Federal.

Temos aqui representantes de áreas como dança, teatro, música, moda, artesanato, audiovisual, grafite, artes visuais, literatura, cultura popular e manifestações tradicionais.

A grande maioria reside fora do Plano Piloto, uma vitória da política da Secec de descentralizar e democratizar os recursos públicos.

Cada uma delas está recebendo um troféu e um prêmio no valor de R$ 5mil. Se separadamente elas já fizeram tanta diferença, imagine todas juntas?

Apresentamos aqui, neste catálogo, pequenas biografias dessas grandes mulheres.

RAP DA MULHER PRETA

E as “mulher preta”
Não foram ensinadas a chorar nem a sentir
E as mulher preta
É quem estará por você
No início e no fim

E as “mulher preta”
São sobrecarregadas
Quem vai dizer que não é assim

E as “mulher preta”
Quem cuidará delas?
Quem cuidará de você e de mim?

Preta, se cuida
Se ame, se escuta
Ô preta, se cuida
Se ame, se escuta

- Lis Martins, Rai Preta, Debrete e Nathália Araújo

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

ADRIANA BARROS

Dizem que no mundo do circo se faz de tudo um pouco. E a trajetória de Adriana Gadilha Roca Barros confirma isso. Como toda criança de família circense, ela começou bem cedo, aos 7 anos. Os primeiros números foram como trapezista e contorcionista entre 1980 e 1984, no Circo TransBerlin, de propriedade de sua mãe, que depois foi vendido e passou a se chamar Broadway.

Até a metade dos anos 1990, Adriana seguiu no picadeiro incluindo a acrobacia no repertório. A partir dos anos 2000, outras tarefas surgem. Ela prepara mais uma geração para o picadeiro e passa a trabalhar secretariando o patrimônio da família. Em 2008, torna-se produtora executiva e locutora do Circo Rayner, onde o marido, os filhos, noras e netos atuam. São diversas as apresentações em cidades do Distrito Federal como São Sebastião, Vila Telebrasília e também do Entorno.

Em 2020, com a suspensão dos espetáculos em função da pandemia da Covid-19, a produtora arregaça as mangas mais uma vez, grava números para as redes sociais e divulga a conta bancária da companhia para poder comprar cestas básicas.

Há cerca de dois meses, Adriana e sua família retomaram a estrada. Já estiveram em Santa Maria e Valparaízo. E o público volta a ter o privilégio de conferir o trabalho de uma legítima família circense.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

ANA LUIZA

Atriz formada pela Universidade de Brasília (UnB), palhaça premiada, diretora, arte educadora e produtora cultural. Ana Luiza Bellacosta é especialista técnica em palhaçaria clássica pela École de Clown et Comedie Francine Cotê Montreal-CA.

E quem pensa que palhaça é só gargalhada, não imagina o que essa mulher já fez e faz. No cenário cultural há vinte anos, ela é fundadora do Cabaré da Nega, primeiro cabaré circense produzido, dirigido e protagonizado por uma mulher negra no Brasil. Também integra a Andaime Cia. de Teatro, a Cia. Colapso e o coletivo Laboratório de Palhaças e Palhaços.

Bellacosta integra o Quilombo Beijamim de Oliveiro, um coletivo de palhaces pretes; ministra oficinas de formação teatral e de comicidade; trabalha com mulheres, jovens e crianças em situação de vulnerabilidade social e durante 15 anos foi palhaça nos hospitais públicos do Distrito Federal alegrando a rotina dos pacientes.

Na parte acadêmica, pesquisa a comicidade negra, a revisão de conceitos de gênero e raça na construção do humor. Também milita pela importância do protagonismo negro em festivais de circo e teatro. Tudo isso sem perder o humor e a graça.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

ANNA CRISTO

Ela é a Palhaça Kuia e também a poeta performadora Annarkista de Cristo.

Trabalha com arte e educação atuando como voluntária nas unidades de internação de jovens em conflito com a lei. Com jogos teatrais e do bem-viver, ela aborda questões como o autoconhecimento e os direitos humanos.

No início de 2020, foi a apresentadora da Noite Negra do Circo no Beco Virtual, show de variedades circenses de artistas negras. Em 2019, coproduziu a oficina de palhaçaria da artista equatoriana Clara Lopez.

Anna Cristo começou no teatro em 2003, em um projeto de extensão da Universidade Católica (UC), em Taguatinga. Em 2012, no Ponto de Cultura Galpão do Riso, em Samambaia, se iniciou na arte da palhaçaria.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

BETY MORAIS

Beti Morais retira da terra as cores que iluminam a sua arte. O pigmento mineral natural é trabalhado sobre a tela onde são valorizadas a cultura negra e o feminino.

Seus trabalhos já ilustraram livros e cartazes alusivos a eventos da Fundação Cultura Palmares/MinC e integraram exposições individuais e coletivas em Brasília, Salvador, Londrina. Também fazem parte de coleções particulares no Brasil, Costa do Marfim, Gabão, Nigéria, Costa Rica e Estados Unidos.

Elizabeth Rodrigues Morais é graduada em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, moradora de Sobradinho II e Pernambucana.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF
É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

CIDA ASSUNÇÃO

Cida Assunção faz literalmente a cabeça das mulheres e, muitas vezes, desde que elas são bebês. Com todo o capricho, ela confecciona laços, lenços, tiaras e, principalmente, head bands. Os adornos são comercializados pela sua grife, a Mixirica Doce.

Maria Aparecida Lopes Assunção começou a trabalhar com artesanato, em 2002, fazendo reciclagem de vidro. Hoje, orgulha-se de ter a carteira que representa a categoria de artesã.

Atualmente, Cidinha expõe seus trabalhos na Feira do Produtor de Vargem Bonita, onde mora e é líder comunitária desde 1990.

Até o início da pandemia, Cida também trabalhava com produção de eventos e decoração de festas.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

CRIS DE SOUZA

Rapper, diretora de fotografia, produtora cultural e de audiovisual, Cris de Souza começou a trabalhar com cultura em 2005.

Em 2007, foi uma das fundadoras do coletivo de audiovisual Nakaradura e em 2015 criou a Dona Filmes, produtora cinematográfica de mulheres que visa a inserção das narrativas femininas nas produções brasileiras

Coordenou e ministrou oficinas de audiovisual no projeto Elas Em Cena nas cidades de São Sebastião e Recanto das Emas e em todas as edições do projeto Criar TV (Soubras/Secec).

Cris se define como uma formadora social que usa o audiovisual para promover o acesso e as narrativas da periferia.

Precursora do segmento de clipes para as mulheres rapers, trabalhou como produtora no DVD Coletânea de RAP Donas Da Rima, onde produziu 10 videoclipes de diferentes grupos de mulheres.

Também assinou a direção de fotografia do DVD Vera Veronika 25 Anos, que inclui 14 videoclipes e um show realizado no teatro da Funarte com 1h40 de duração.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

DANDA BÁRBARA

Versátil. Esse adjetivo ajuda a explicar o perfil profissional de Dayana Bárbara dos Santos Coqueiro, a moradora de São Sebastião conhecida como Danda Bárbara. Afinal de contas, ela é atriz, percussionista, rapper e compositora. Mas veja só, a trajetória dela começou no circo! Foi em 2002, na Escola de Meninos e Meninas do Parque, em Brasília, atuando como palhaça com os Irmãos Saúde e o Palhaço Mandioca Frita.

Entre 2005 e 2006, partiu para o teatro fazendo a percussão da peça “Mandala – Mitologia dos Orixás”, dirigida por Benedito Vasconcelos e Eliana Carneiro.

Em 2006, foi atriz e compositora do “Rap da Nísia” no documentário Nísia Floresta, dirigido por Tânia Quaresma. Dois anos depois, estava atrás das câmeras como assistente de produção do longa-metragem “Pra Ficar de Boa” com direção de Núbia Santana.

Em 2016, a camaleoa mostra a faceta rapper ganha o slam da Ocupação da Funarte Brasília. Em 2017, ela repete o feito no Slam Q’brada, em Samambaia, apresentado o Sarau Complexo.

Volta ao cinema um ano depois como atriz e consultora para as cenas do curta “Presos que menstruam”, com direção de Alisson Sbrana, vencedor do Prêmio do Júri e do Troféu Candango de melhor Elenco Feminino no 51° Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

DANIELE NEUMANY

Daniele Neumany pratica a capoeira desde 2009 na Região Administrativa do Gama. Em 2011, graduou-se como monitora no VII Batizado e Troca de Cordel Cultural de Capoeira, no Riacho Fundo I. Quatro anos depois, formou-se como instrutora durante o 11° Batizado de Capoeira e Troca de Cordel.

Como voluntária, desde 2015, dá aulas formativas de capoeira nas quadras poliesportivas do Riacho Fundo II. Na mesma cidade, em 2015 e 2017, produziu respectivamente o 1° e o 2° Campeonato Infantil de Capoeira.

Desde 2019, é educadora social voluntária no Centro de Ensino Fundamental 101 (CEF 101) do Recanto das Emas, onde dá aulas na Educação Integral.

Há dois anos, em novembro de 2019, realizou um grande batizado unindo alunos do Riacho, do Recanto e também do grupo UCDF de Ceilândia.

Em 2019, também promoveu uma roda durante o seminário Tecendo Diálogos das Práticas Pedagógicas Sobre a História e Cultura Afro-Brasileira em Sala de Aula. O encontro teve como objetivo debater, junto aos professores, a importância dos docentes no combate ao preconceito, além da construção da negritude com os alunos.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

INDIRA GANDHI
O FANTASMA DA ÓPERA

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

EDINEIDE BARROS

Em uma quinta-feira chuvosa deste mês de novembro, Edineide Barros Freitas estava em um canteiro de obras no Noroeste escolhendo o local para implantar um ponto do projeto Grito do Livro. Lá, muitos pintores, carpinteiros e pedreiros são negros e pardos. Edineide entende que eles precisam ler autores negros e histórias de negros. Ela mapeou o lugar onde vai ficar a estante e retornará com os livros catalogados, carimbados e organizados. Ali, vai nascer uma pequena biblioteca.

O trabalho é voluntário. “Assim como eu tive dificuldade de ter acesso aos livros, levo livros para as pessoas”, explica a diarista, nascida em comunidade quilombola, em Viana, no interior do Maranhão, que veio para Brasília para trabalhar com faxina e estudar.

Edineide conseguiu. Fez o EJA (Educação de Jovens e Adultos) e faculdade. Em uma feira de agricultura familiar, conheceu o programa de Bibliotecas Rurais – Arca das Letras que era desenvolvido pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário. Voluntariou-se para ajudar a organizar os livros e, quando surgiu uma vaga, passou a integrar o programa como representante dos negros.

Como auxiliar de documentação, multiplicadora dos saberes quilombolas e divulgadora da literatura de escritores negros, implantou bibliotecas em comunidades quilombolas de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás e Mesquita, no Entorno do Distrito Federal. Também é mediadora e agente de leitura em comunidades rurais e ocupações de rua.

Para dezembro, uma parada nas atividades. Vai visitar a terra natal depois de dez anos. Quer levar a notícia do prêmio e comemorar com a família. A vida de Edineide dá um livro, mas ela explica: “Não sou boa para escrever, sou boa para levar livro”.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

BETE VIRGENS

Bete Virgens costuma dizer que foi a arte que a escolheu. Até os 58 anos, ela era Elizabete Vieira das Virgens. Depois, ao fazer prova para ingressar na Escola de Música de Brasília (EMB), também surgiu a artista Bete Virgens.

Bete fez o curso básico de Canto Popular e, aos 61anos, pisou no palco pela primeira vez com o espetáculo “Cada Homem Sabe na Mulher que Bate”.

“Essa peça me levou ao que eu chamo de presente de Deus, uma participação no especial de Natal “O Amor ao Quadrado”, exibido pela Rede Globo”, explica.

A partir do programa, Elizabete foi tomada por uma força e tomou uma decisão. Aos 61 quase 62, prestou vestibular para a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Foram quatro anos de estudos, dedicação, empenho e muito trabalho até a formatura no início desse ano.

Em um curto tempo de carreira, Bete Virgens coleciona mais de dez peças, incluindo óperas e musicais. “Começei tarde?”, ela se pergunta e imediatamente responde:

“Não. Comecei no tempo certo com força e garra pra muitos e muitos trabalhos futuros. Por isso que eu digo que a Arte me escolheu.”

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

ELVIRA DE OXUM

Elvira de Oxum, iyalorixá do Ilê Asè Logum Cetomi, tem como objetivo continuar o legado de sua mãe, a também iyalorixá Elvira de Logum Edé, morta em 2001, que sonhava em apresentar a cultura religiosa afrobrasileira ao Distrito Federal.

Para isso, ela não poupa esforços. Toca os projetos Afoxé Axe Ewe, Ilê Idana, a biblioteca Agbanibero, o Memorial Elvira de Boiadeiro e a Colônia de Férias Ojo Erê.

Iya Elvira busca desenvolver uma aliança de cuidado e respeito entre a comunidade de Arniqueira e o terreiro de candomblé. O objetivo é tornar as portas do Ilê Asè abertas e levar para as ruas da cidade sua mais pura e elaborada expressão de cultura negra e candomblecista.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

FRANCYS DE ÓYA

Mãe Francys de Óya é como Francesly da Conceição Leite é carinhosamente conhecida e tratada por seus filhos de axé e amigos.

Baiana do Acarajé e yalórisá (mãe de santo) pelo Kwe Oyá, ela realiza diversas promoções sociais em Samambaia Sul, onde mora há mais de 30 anos. Umas dela é a Festa das Crianças, que já teve 14 edições em seu Kwee Oyá Sogy.

Francys também procura trazer à tona discussões e soluções para os problemas da comunidade, onde também é líder comunitária.

Participa de atividades em busca de reparação e justiça social dos que estão à margem da sociedade e não são alcançados pelas políticas públicas. Dentre outros cargos, é presidenta da Associação Papo de Mãe e integrante do Conselho Cultural de Samambaia

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

JUSIANNE CASTILHO

A artista plástica Jusianne Castilho desenvolve um projeto racializado com conteúdo voltado para a população negra, em especial pessoas negras de religiões de matriz africana. Denominado Nefertiti Artes e localizado em Ceilândia, leva o nome de uma rainha egípcia e tem um conceito múltiplo.

Nele, são expressos sentimentos, opiniões e ideias subjetivas que podem surgir por meio de tatuagens, pinturas em tela (desde orixás a imagens contemporâneas de negros com cabelos afros bem marcados), desenhos e diversas formas de artesanato.

Jusianne se define como uma mãe-artista/artista-mãe negra, periférica e solo.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

KALIBRE

Aos 30 anos, Kalibre é uma tatuadora especialista em pele negra. Dos inúmeros trabalhos que executou desde 2013, vários foram desenhos inspirados na cultura afro ou que remetam à diáspora negra e a luta contra o racismo. Pode ser um símbolo ou o mapa do continente africano, mas independentemente do tamanho, é impossível não perceber a mensagem.

Nascida em Brasília e moradora de Ceilândia, Kalibre se define como mulher preta, gorda, pansexual e candomblecista. É artista plástica e digital, artesã, produtora cultural e professora de tatuagem.

Gestou e criou o Coletivo Casa Dandara, o Diáspora Tattoo e o Jingas Tattoo. Também é cantora e batuqueira nos grupos Afoxé Ogum Pá e Batida do Contorno. E como não para, também faz participações em outros grupos.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

URBANA

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

KEY AMORIM

Desde criança, Key Amorim gosta de desenhar, de cores e tinta. Mas foi depois de receber o diagnóstico de uma síndrome rara, aos 23 anos, que a moradora de Taguatinga encontrou no grafite o seu espaço como artista.

Com as latas de tintas spray nas mãos, ela encarou o tratamento, superou obstáculos e mergulhou no trabalho.

O grafite foi como um trampolim para que expressasse suas vivências. Hoje, seu trabalho é focado no empoderamento negro, feminino e periférico, na superação de barreiras e na inclusão social. Tudo traduzido em fortes personagens femininos por meio de técnicas realistas de pintura em murais cheios de cor.

Além de praticamente todas as cidades do DF, Key Amorim deixou sua marca em Goiânia, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba e Fortaleza.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

IALÊ GARCIA

Ialê Garcia, gestora cultural , estilista e design de moda afro e étnica desde 2006.

Ialê Garcia é a criadora da marca Yalodê Moda Étnica e do Coletivo Yalodê Brasil. Pesquisadora e admiradora da estética da população negra, utiliza-se dessa fonte inesgotável para produzir estilos e fazer as cabeças das mulheres com turbantes, vestidos e colares coloridos e de estampas vibrantes.

Em 2019 foi convidada para o Bogotá Fashion Week. Em 2020 ficou em primeiro lugar na categoria Atesanato e Moda no concurso da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec) realizado em comemoração aos 60 anos de Brasília. Ainda em 2020, venceu o Edital Arte do Quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

Palestrante, desenvolve oficinas em escolas públicas, espaços culturais como Funarte e Universidade de Brasília (UnB) e em festivais e festas populares como o Carnaval de Brasília.

Seu objetivo é fomentar a economia criativa nas cidades do entorno e impactar as participantes das atividades com a arte dos turbantes.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

LARISSA UMAYTÁ

Larissa Umaytá tem quase 30 anos, toca com maturidade, mas tem cara de menina. Com o pandeiro nas mãos, está sempre com um um sorriso no rosto. Sorriso de quem tem prazer no que faz, seja lá qual for o ritmo: samba, choro seja até disco !

Larissa iniciou sua vida musical cedo, no berço da cultura popular, convivendo com o Bumba Meu Boi de Seu Teodoro, capitaneado por seu avô materno, o próprio Teodoro. Com ele, participou de muitos projetos e teve a oportunidade de tocar e conhecer artistas renomados país a fora.

Estudou pandeiro entre 2012 e 2015 na Escola de Choro Rafael Rabello. Em 2014, no festival da instituição, ganhou o prêmio de melhor Instrumentista Avançado. Com o Cinco Estrelas, conquistou a categoria melhor Grupo. Ela e os outros quatro músicos abriram o show de Paulinho da Viola no Clube do Choro.

Umaytá também dá aulas, workshops e oficinas Brasil a fora, onde mostra as possibilidades do pandeiro e fala da sua experiência como percussionista e mulher no meio musical.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

LÍDIA DALLET

Há vários ritmos em Ceilândia. O rap que Lídia Dallet desenvolve no Distrito Federal tem sonoridade influenciada pelos griots, pelos blues de uma nota só, pelas harmonias do Jazz e pelo negro spiritual.

A artista trabalha consciente de suas origens nas comunidades negras, somando a influências rítmicas, harmônicas e poéticas da música brasileira.

Com arranjos cuidadosamente pensados, sensibilidade e força na voz, a mulher negra e lésbica carrega em letras profundas que resultam no que ela chama de Ceilândia Latin Jazz.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

LIS MARTINS

A letra (trecho) do rap Mulher Preta, que abre este catálogo de pequenas biografias, foi composta por Lis Martins em parceria com Rai Preta, Debrete e Nathália Araújo. Há cerca de três meses, ganhou um clipe em trabalho conjunto com alunos do curso de audiovisual do IFB (Instituto Federal de Brasília) do Recanto das Emas. Está no YouTube e vale a pena conferir. É forte, verdadeiro e exemplifica os questionamentos provocados pela artista:"Trazer uma nova narrativa sobre nós mesmas".

O rap é resultado do trabalho de Lis no grupo África Tática que valoriza a questão de identidade negra. Aos 27 anos, a cantora e compositora também é multi-instrumentista, assistente social e trabalha com arte e educação.

Nascida em Brazlândia, onde mora até hoje, a mulher preta LGBTQIA+ também integra o coletivo Batalha das Gurias (BdG) e a Associação Movimento Esporte, Lazer e Cultura (MoLEC).

Já participou de eventos como o Seminário Internacional – Derecho y Género en America Latina: Oportunidades y desafíos (novembro de 2019, em Brasília); o Encontro Nacional de Mulheres do Poder Judiciário da União (PJU) e Ministério Público da União (MPU) – Fenajufe (novembro de 2019) e da Live "A força de um amor LGBTQUIA+ no movimento Hip Hop (Todas BR).

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

LUA NZINGA

A grafiteira Luana Pereira Silva trabalha a história, a ancestralidade e a luta contra o racismo ao retratar mulheres negras com traços fortes. Em seu nome artístico, Lua Nzinga, carrega a luta anticolonial. Nzinga foi a rainha do reino Matamba.

Em 2021, Lua participou do FestPovos na Estrutural; do mutirão de revitalização de paradas de ônibus em Santa Maria e do evento Sub Colors no Guará. Também apresentou uma obra na exposição De Volta à Casa?, promovida pela Rede Nami Afrografiteiras, e esteve no Encontro de Graffiti do DF, na Galeria dos Estados, em Brasília.

Em 2020, pintou no Festival A Cultura de Rua Invade, Anápolis (GO) e em 2019 no mutirão Brasília Periferia no P Norte, em Ceilândia, e no Terceiro Encontro de Graffiti do DF, no Setor Comercial Sul (Beco do Rato) da capital.

Em 2018, Lua deu aula de grafite para estudantes de escolas públicas em oficina promovida pela Unicef em parceria com a Secretaria de Educação. No mesmo ano esteve em vários eventos: Se Essa Rua Fosse Minha e Minas no Hip-Hop na Universidade de Brasilia (UnB); Festival Elemento em Movimento (Ceilândia); mutirão Função Sem Exclusão (Santa Maria); Encontro de Graffiti do DF (Sol Nascente) e mutirão Brasilia Periferia (Ceilândia).

Em 2018 e 2019, ajudou a criar a campanha Por Que Não Amar?, um processo de educomunicação promovido pelo Inesc (Instituto de Estudos Socioeconômicos) voltado para jovens e adolescentes do Paranoá e do Itapoã.

Neste ano de 2021, foi jurada do concurso da campanha Escola dos Sonhos (Inesc), que tem como objetivo provocar a reflexão em crianças e adolescentes sobre qual é a educação e a escola que queremos para o futuro.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

MÃE BETH

Delberte Rodrigues de Almeida é mais conhecida como Mãe Beth de Yansã. Nasceu em Recife mas vive no Distrito Federal há mais de 50 anos. Vem de uma família carnavalesca e, por isso, participou de várias escola de samba no Rio de Janeiro e no DF.

É a matriarca e acolhedora em seu terreiro de Umbanda do Grupo Cultural Àsé Dudu, que reúne multidões no carnaval com a percussão afro.

Mãe Beth faz parte do grupo de danças Orixás Millejy, liderando as baianas que participam de lavagens e apresentações no DF, no Entorno, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e até Bahia.

É oficineira em projetos de cultura afro com o intuito de divulgar, preservar e manter viva as vestimentas afro-brasileiras e das religiões de matizes africanas.

Costuma realizar atividades culturais e sociais como Natal Solidário, carnaval, festas juninas e do Dia das Crianças.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

MARIA JOANA

A ancestralidade de Maria Joana foi herdada de sua mãe Joaninha que tocava a caixa do Divino no grupo Luís Dia.

Nascida no Maranhão em 1958, está imersa na cultura regional popular desde criança. Maria sempre sentiu em seu coração o pulsar, o chamado artístico de manifestações tradicionais como o Tambor de Crioula, o Bumba Meu Boi, o Cacuriá e a Festa do Divino.

Desde 1991, ela participa de eventos nacionais pela causa das mulheres negras. Vinte anos depois, ainda revela em seus cabelos, turbantes e roupas o mesmo engajamento e criatividade do início da luta.

Em 2014, no Guará, passou a gerenciar os ensaios do Tambor de Crioula Flores de São Benedito, grupo que ajudou a fundar.

O Flores de São Sebastião é patrimônio imaterial da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

MARISOL KADIEGI

Marisol Kadiegi é vencedora da primeira edição (2013) do prêmio Mulheres Negras Contam Sua História na categoria redação.

No texto, ela narrou sua trajetória de vida que inclui o nascimento em uma aldeia de Angola, a guerra, a separação dos pais ainda na infância, a ida para um acampamento de refugiados no então Zaire, a temporada em Portugal e a chegada ao Brasil em 1986.

Jornalista formada pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb), ela é também pós-graduanda em “Fotografia Como Suporte Para a Imaginação” pelo Espaço f/508 de Cultura e em História Cultural, Identidade, Tradições e Fronteiras pela Faculdade de História da Universidade de Brasília (UnB).

Marrissol é documentarista, diretora de imagens, roteirista, produtora cultural e de eventos. Transita entre o cinema e a televisão em Angola, sua primeira pátria, e no Brasil, nação que escolheu como segunda terra.

O sobrenome Kadiegi, originário da língua kimbundo, pode ter dois significados: lua pequena ou folha pequena levada pelo vento...

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

MARLENE SOUZA

Do aconchego do lar para o palco, Marlene Souza Lima começou a estudar música com sua irmã, Lubélia, no início dos anos de 1980. Depois, foi para a Escola de Música de Brasília (EMB), onde teve aulas com professores como Paulo André Tavares e Nelson Faria.

Também foi aluna particular do Mestre Curinga. Nesse período, a violonista, guitarrista, compositora e arranjadora tocou em diversos grupos, como a Brasília Popular Orquestra (Brapo) e a Maracatu Banda.

Entre os anos de 1994 e 1995, viveu nos Estados Unidos, onde fez algumas apresentações. De volta ao Brasil, Marlene deu aulas, shows e começou a trabalhar como líder de banda. Em 2011. lançou o álbum independente e autoral intitulado “My Way”. Em 2018, lançou o DVD da mesma obra, gravado ao vivo, e patrocinado pelo FAC/DF.

Com 35 anos de carreira, tocou em eventos como BB Seguros Blues e República Blues. Além do Distrito Federal, plateias de Goiânia, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto de Galinhas já apreciaram, ao vivo, o trabalho da musicista. Virtualmente ela ganhou o mundo. Seu trabalho é referência no universo instrumental.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

MARTINHA DO COCO

Mestra Martinha do Coco é moradora do Paranoá há 40 anos. Ela nasceu em Olinda, Pernambuco e migrou com sua família para a antiga Vila do Paranoá aos 17 anos de idade.

Deu duro como empregada doméstica e babá para ajudar no sustento da casa. Em um desses empregos, conheceu uma musicista que percebeu o seu talento artístico e ajudou na retomada do amor pela música. Quando menina, gostava de brincar carnaval. O samba de coco, dança de roda cujo ritmo contém traços indígenas e influências africanas, tinha ficado na memória.

No DF, seu primeiro experimento musical foi uma banda com instrumentos reciclados quando trabalhou como gari nos anos 1990. De lá para cá, ela desenvolve um trabalho autoral com as influências culturais da terra onde nasceu e cresceu – coco, maracatu e ciranda.

Em 2013, Marta Leonardo recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestra da Cultura Popular. Em 2019, foi homenageada pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

ONILDES CONRADA

Muito da cultura maranhense presente no Distrito Federal, e que tanto enriquece a capital do país se deve à existência de grupos como o Tambor de Crioula Flores de São Benedito. O grupo começou a ser criado em 2009, com a bênção de São Benedito, e mentoria de Mestre Chico Macedo, Barrabás e Preto Celso. Foi idealizado por pessoas que entendem a importância da continuidade e da disseminação das manifestações populares. Dentre elas, está a agente sociocultural Onildes Conrado Santos, que também é do estado nordestino.

O primeiro contato de Onildes com o Tambor de Crioula foi na adolescência, lá pela década de 1970. Os ensaios das danças, as apresentações nas ruas, o colorido das roupas e o ritmo fascinavam a jovem que, anos depois, passou de admiradora a promovedora do Tambor de Crioula. Ela percebeu o quanto era importante manter viva a ancestralidade da cultura negra.

Moradora do DF há mais de 30 anos e tendo São Benedito como guia, ela difunde as manifestações tradicionais do Maranhão como o Bumba Meu Boi e o Cacuriá. Nas festas que ajuda a promover, ela também apresenta o artesanato, a moda e a culinária maranhense. Oportunidade de se saborear pratos típicos como o arroz de cuxá, a torta de caranguejo e o bolo de tapioca.

O intuito de Onildes é o de “levar a continuidade do Tambor de Crioula para os jovens, estar juntos com o mestre e passar a importância do respeito aos mais velhos”. Segundo ela, os mestres, muito deles idosos, costumam ter pouco estudos, mas são ricos em ensinamentos. A agente cultural também acredita que esses eventos são um ato de resistência da cultura negra e ajudam a romper com preconceitos.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

adidas

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

RAYANE PSIU

Rayane Psiu nasceu em Brasília há 26 anos. Bailarina, professora e coreógrafa, começou a se encantar pela dança por volta dos 10 anos de idade. Era do tipo que participava de apresentações e competições em diversos eventos.

Aos 15 anos, decidiu se dedicar somente ao Hip-Hop L.A Style, onde conheceu o seu primeiro professor, o Rafael Vieira (Nino). Foi aí que a carreira dela ganhou literalmente um novo ritmo procurando mais conhecimento e aprimoramento na dança.

Em 2013, Ray ingressou em umas das companhias de danças urbanas mais renomadas de Brasília, a Cia. Have Dreams.

Embora seja hoje uma especialista em hip-hop, a dançarina também pesquisa e compartilha diversas modalidades urbanas.

Ray Psiu integra o elenco do grupo de percussão Patubatê e também dança com outras bandas. Seu maior sonho é acolher pessoas da dança e do teatro, especialmente mulheres negras, LGBT negres, em seu novo projeto, o espaço cultural Soul Favela, no Recanto das Emas.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

SUENE KARIM

Uma artista negra de tom de pele claro que tem como mote de seu trabalho a promoção e a defesa das linguagens de cultura popular de raiz preta. Proposta concretizada em abril de 2019 com o I Festival Magia Negra, idealizado e realizado por ela.

Durante três dias, no Complexo Cultural de Samambaia, o evento reuniu um público superior a 3 mil pessoas e rendeu 25 mil acessos virtuais. O Magia Negra impulsionou a educação, o debate e a defesa das manifestações da cultura popular negra por meio de música, dança e saraus, A importância desse festival gratuito é reconhecida até hoje. Neste mês de novembro, por exemplo, o festival entrou, como destaque de Brasília, no Google Arts&Culture, uma das plataformas de arte mais cobiçadas do mundo. Todo esse resultado positivo incentiva Suene a batalhar pela captação de um segundo festival.

Como atriz, no momento, ela estuda a montagem de um monólogo, o primeiro autoral e resultado de uma carreira que começou há quase duas décadas. A formação iniciou no teatro de rua e em oficinas do Sesc Taguatinga, onde aprendeu teatro mamulengo, conviveu com mestres rabequeiros e teve aula com personalidades, como o mímico Miqueias Paz.

Com a arte popular marcada no DNA, Suane participou (produzindo, coordenando ou elaborando) de cerca de 20 projetos como o FestiSesi; o Teia (Encontro Nacional de Pontos de Cultura); o festival de dança Mandé Moubá Força Ancestral e os 60 Anos da Declaração Nacional dos Direitos Humanos, que se desdobrou em eventos como o show Iguais na Diferença.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

TÁSSIA AGUIAR

Tássia Aguiar é uma artista, empreendedora, gestora e produtora cultural nascida em Brasília e moradora de Samambaia. A carreira começou em 1999 e de lá para cá participou de 12 festivais nacionais e internacionais como o Cena Contemporânea, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Festival Magia Negra, Sesc Fest Clown, Planeta Circo, Enteppla – Encuentro de Teatro Popular Latino-americano, Elti – Encuentro Latinoamericano de Teatro Independiente (Buenos Aires – Argentina) e Festival Fietpo – Festival Itinerante y Encuentro de Teatro Popular (Lima – Peru)

Como supervisora de programação do Complexo Cultural Samambaia, produziu eventos como o Circuito Brasília Junina 2018, executado pela Associação Imaginário Cultural. Com a Aguiar Produções e com a Fábrica de Teatro DF, realizou eventos de diversas linguagens por todo Distrito Federal, Brasil e América Latina.

Além de dirigir a Imaginário Cultural, Tássia é proprietária do Cantinho de Caburé Ateliê Culinário, espaço que promove a alimentação vegana na periferia de Samambaia.

“Meu trabalho é vasto e diverso, minha trajetória é valente, periférica, amável, bruta e resistente. Acredito que toda essa garra de viver de arte foi observada, sendo digna de contemplação. Fico muito feliz com o prêmio, tenho celebrado esse reconhecimento com entusiasmo e gratidão.”

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

PRÊMIO
MULHER NEGRA
2021

THAMIRIS FLORA

Moradora de Santa Maria, Thamiris Flora é enfermeira formada pela UDF e cursa mestrado em Bioética na Universidade de Brasília (UnB). Mas nem só da área da saúde vive a negra bissexual de 28 anos. Ao contrário, desde os 17 anos ela atua na cultura do Distrito Federal como agente, produtora, grafiteira, atriz ou manipuladora de bonecos em projetos e organizações sociais.

Thamiris foi a única mulher integrante do Comitê Permanente de Grafite de Brasília, o primeiro do gênero no Brasil. Fez parte do Conselho Nacional de Juventude entre 2018 e 2019 e, entre 2016 e 2019, titular do Conselho Regional de Cultura de Santa Maria, onde atualmente é suplente.

Visando a construção de políticas públicas, ela participa de movimentos sociais como o Unegro (União de Negros pela Igualdade); a Nação Hip-Hop Brasíl do Núcleo de Formação Popular Família Hip-Hop; a Associação Nacional de Pós-Graduandos e a UNALGBTQIA+.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GDF É tempo de ação.

FICHA TÉCNICA

Governador:
Ibaneis Rocha

Secretário de Cultura e Economia Criativa:
Bartolomeu Rodrigues

Secretário-executivo:
Carlos Alberto Júnior

Coordenador Administrativo-Financeiro:
Tiago Gonçalves

Subsecretaria de Difusão e Diversidade Cultural:
Sol Montes

Assessoria de Comunicação:
Sérgio Maggio

Concepção e direção geral:
Sol Montes

Comissão de Seleção:
Elizabeth Fernandes
Helena Nisa da Rosa
Jaqueline Fernandes de Souza Silva
Sâmea Larisse Andrade

Coordenação do catálogo:
Sérgio Maggio
Sâmea Andrade

Redação e produção do catálogo:
Mônica Predroso

Design e identidade visual:
Júlio Souza dos Santos

Diagramação catálogo:
Júlio Souza dos Santos

Design visual cards:
Júlio Souza dos Santos

Empresa contratada Comunicação:
Pró-Vídeo Locação e Eventos Ltda-ME

O edital **Prêmio Mulher Negra** foi lançado pela Subsecretaria de Difusão e Diversidade Cultural (SDDC).

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”

- Angela Davis

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

GDF
É tempo de ação.